

O SENTIDO DA EDUCAÇÃO DO SUJEITO NEOLIBERAL: A EDUCAÇÃO MERCANTILIZADA

Ana Paula Pinheiro

*Universidade de Passo Fundo – GEPES - UPF
86784@upf.br*

Camila Chiodi Agostini

*Universidade de Passo Fundo – GEPES - UPF
camila.chiodi.agostini@gmail.com*

Eixo 07: Ciências Humanas

Resumo:

Na atualidade, o sentido da educação e a subjetivação do indivíduo, sofrem várias transformações, O objetivo aqui é analisar se para o sujeito neoliberal, empreendedor, a educação mostra-se como uma mercadoria, com conseqüente alteração de sentido dado a mesma. A pesquisa, de análise bibliográfica, em uma proposta hermenêutica-analítica, foi pautada em autores como Goergen (2020), Silva, (2020), Dardot e Laval (2016). Após o estudo, é possível afirmar que o sentido da educação vem se alterando para o sujeito neoliberal e que estudos precisam ser ampliados para compreensão desse fenômeno.

Palavras-chave: Sujeito Neoliberal. Sentido da Educação. Educação Mercantilizada.

Introdução

Em tempo de incertezas e contradições como a sociedade vem enfrentando nos últimos anos, a questão da escola enquanto instituição e espaço de instrução, sentido e finalidade vêm sendo questionados e reformulados de forma constante e profunda. Sob a ótica da fluidez das relações humanas (BAUMAN,2001), de instabilidade daquelas que a sociedade realiza com coisas, instituições, processos, entre outros, a educação resta também abalada no seu sentido de existir, principalmente se consideramos que a mesma se configura com um dos braços basilares de instituição de laços e sociabilidade humana, e construção do pilar do conhecimento. Além desse aspecto, vivencia-se uma ordem profunda de desestruturação daquilo que é considerado como uma vida comum em sociedade, ao passo que a forte influência da teoria neoliberal, voltada para o capital e para o lucro, desestabiliza aquilo de social no humano e transforma o coletivo em forte individualismo, criando novas

subjetividades e sentidos para o sujeito. A transformação do homem, enquanto sujeito, acompanha o princípio da troca mercadológica, sendo que para esse indivíduo não há outro espaço senão aquele de aderir a maré e sobreviver em um mundo cada vez mais competitivo.

Portanto, o sentido da educação e a subjetivação do indivíduo interposto a ela, sofrem várias transformações, perdendo o sentido tradicional de escola como tempo livre, ou do tempo destinado a aprender a ser humano, fora da composição social, mas ainda ligada a ela. Ainda, a educação volta-se a objetivos que não coadunam com os pressupostos humanistas, de educação integral, voltada para a atuação plena em sociedade, de forma coletiva. Dentro dessa concepção, podemos considerar que o tempo escolar se corrompe, tendo em vista o processo de mercantilização da educação, concepção que a transforma em uma mercadoria para que o sujeito neoliberal empreendedor alcance seus objetivos de sucesso dentro da lógica de capital.

O empresariamento de si e o sentido da educação neoliberal

E preciso considerar, de início, que no contexto neoliberal contemporâneo, a ideologia do mercado acaba adentrando o contexto escolar, como forma de influenciar e corromper tanto a forma de conceber e repassar os conhecimentos, como os humanos inserido nessa relação, para seus objetivos de lucro, maximização de resultados e capitalização humana. Isso é visível, por exemplo, na enxurrada de parcerias e influências, prometendo incentivos, ajuda e recursos, oriundos de capital privado e conglomerados ligados à educação direta ou indiretamente (MACEDO, 2014), mas que deveriam ser propiciados originariamente pelo Estado, que por sua vez, cada vez mais, retira e inviabiliza verbas para essa área.

Assim, o objetivo do presente trabalho figura na seguinte propositura: para o sujeito neoliberal, governado (no sentido de induzido a se conduzir para) e autogovernado para os fins da sujeição ao capitalismo, a educação mostra-se como uma mercadoria, um bem a ser consumido em nome do seu autoempresendedorismo e sucesso pessoal, com uma conseqüente alteração de sentido dado à educação para atingimento desses fins? A pesquisa, de natureza básica, exploratória, desenvolve-se a partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa, com análise bibliográfica, em uma proposta hermenêutica-analítica, justificada com autores como Goergen (2020), Silva, (2020), Dardot e Laval (2016), entre outros que colaboram na análise das questões suscitadas. Assim, na sequência do texto, abordaremos sobre a questão do empresariamento de si e suas conseqüências, seguida das considerações finais e das referências.

Nesse sentido, segundo Goergen (2020, p. 123) a “educação de excelência é considerada aquela que prepara as pessoas desenvolvendo suas competências para se integrarem e servirem ao mercado”. A escola, busca no capital privado a mitigação de suas fragilidades, mas integra em seu bojo a competição e excelência mercadológica, exigindo de todos os entes escolares dedicação ao sucesso, como preparação para um mercado de trabalho, mas que não significa a garantia de um emprego. Tal situação remonta um possível retorno ao tecnicismo da lei nº 5692/71 que visa a objetivação do Ensino Médio como preparação para uma profissão, sem perspectiva para buscar o Ensino Superior, sendo, portanto, um conceito reducionista dos fins da educação. Nesse contexto, cria-se uma falsa ilusão de que o indivíduo é empresário de si e, mesmo em um contexto de desigualdades sociais, torna-se responsável pelo seu desenvolvimento, ancorado na falácia de que a negativa em estar empregado, com sucesso pessoal e acadêmico depende unicamente de seu empenho e esforço.

Dessa forma, gera-se também o chamado processo de mercantilização do indivíduo (SILVA, 2020), no qual os processos de subjetivação, da arte de governar a vida, por meio de técnicas muito específicas, como refere Foucault (2008 e 2008a) ao definir a governamentabilidade e a biopolítica, informam uma forma de ser e de se conduzir pelo mundo, de corpo e alma, para objetivos de controle para fins específicos. Esse processo gera a mudança da subjetivação, na indução de uma nova forma de ser e ver-se no meio social, onde “nossa subjetividade e nossos desejos mais íntimos são rastreados e transformados em mercadorias vendidas no mercado, à nossa revelia”(SILVA, 2020, p. 115). O mercado exige um novo sujeito, o qual se molde de forma dócil, útil e que defenda essa nova forma de vida, de forma a se conduzir por esse espaço.

Para Dardot e Laval (2016) esse novo poder, essa governamentabilidade do indivíduo, objetiva formar um sujeito produtivo no seu trabalho e em todos os âmbitos de sua vida, produtor de bem-estar, prazer e felicidade. O neosujeito, o sujeito empresarial, advém de uma racionalidade neoliberal, a qual atua “ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos” (DARTOT; LAVAL, 2016, p.366).

É preciso compreender que a educação sempre ocupou centralidade social na formação dos indivíduos e da própria sociedade. Do seu aspecto disciplinar, coercitivo e até mesmo panótico como se referiu Foucault (2008), hoje ela ocupa a centralidade da formação do sujeito autoempendedor, responsável pelo seu sucesso, sua superação de limites e

obstáculos e capacidade ilimitada (SILVA, 2020). Sendo assim, quanto mais focado o sujeito estiver no seu próprio empresariamento mais enredado no caminho do autogoverno de si, e mais estará ciente de sua culpabilidade individual. Se o mundo educacional acompanhar essa lógica, mais fácil o processo se torna. Nesse contexto, o neosujeito permanece como alvo fácil para as formações milagrosas que as empresas ofertam a preços acessíveis, para que turbine o seu currículo. Com esse enfoque, Dartot e Laval (2016, p.377) nos lembram que hoje culminam as mais diferentes técnicas como "coaching, programação neurolinguística (PNL), análise transacional (AT) e múltiplos procedimentos" ligados a uma "escola" ou um "guru" visam a um melhor "domínio de si mesmo", das emoções, do estresse" para as mais diferentes situações da vida, com o único objetivo de "fortalecer o eu, adaptá-lo melhor à realidade, torná-lo mais operacional em situações difíceis". (DARTOT; LAVAL, 2016, p.377)

Um mercado que vem ganhando cada vez mais espaço no mercado da educação. Conforme Goergen (2020, p. 126) "O mercado se parece com uma roda gigante com poucos lugares, ao pé da qual uma imensa multidão espera uma chance que nunca virá.". Considera-se que a lógica do capital e do empresariamento de si mesmo é prejudicial ao desenvolvimento do ser humano, do espírito de coletividade, alimenta a sede de competição e de busca desenfreada por um lugar ao sol. A sujeição ao capitalismo e a sua lógica perversa usurpa a humanidade dos sujeitos que acabam enveredando-se ao sistema sem perspectiva de se desvencilhar. Como ainda lembra Silva, (2020, p. 109-110), "o imperativo do desempenho transforma os indivíduos numa espécie de carrascos de si mesmos, pois o sucesso e o fracasso são de exclusiva responsabilidade de cada um". Enquanto isso, a escola deixa de ser um espaço de desenvolvimento de capacidades humanas, do tempo livre em torno do prazer pela descoberta, porque encontra-se submetida em quase a sua totalidade pelo discurso massivo neoliberal da organização empresarial e pela construção de empresários de si.

Fazer com que a escola siga a lógica do mercado é retirar toda formação humana e geral, cultural das crianças e jovens e pré-formatar, para o que o mercado deseja, como se tudo fosse regido pela lei do mercado e que todos devessem viver em prol de uma economia que sequer é para todos. Ainda, reflete-se sobre o que Goergen (2020, p 128) sustenta ao afirmar que: "de ouvidos moucos para qualquer enfrentamento ideológico, os legisladores não se cansam de formalizar políticas adaptativas visando sempre colocar a escola a serviço do régio e intocável sistema econômico capitalista/neoliberal.".Os indivíduos da escola são considerados ineficientes e inaptos, incapazes de gerir o espaço escolar e gerar sucesso

educacional e por isso precisam ser orientados, vigiados e geridos. E as políticas públicas caminham para esse fim.

Verifica-se desse modo, que há uma latente invasão do espaço escolar pelas lógicas empresariais, para o atendimento de metas de ganhos e custos, independentemente do que isso possa causar aos indivíduos que lá estão. Os efeitos são a destruição do espírito coletivo e colaborativo que devem reger as relações sociais, como também o processo de inserção de controle, vigilância e punição através do estabelecimento de premiação pela famigerada meritocracia. (SILVA, 2020). A escola vive um processo de disciplinarização muito intenso, mas diferente daquele que Foucault apresentou, agora ele é voltado para uma tecnologia muito mais agressiva, profunda e permanente, onde o grande sujeito histórico torna-se o mercado, o consumo, a vida líquida moldada pelos desejos e a assunção de que a felicidade está a um passo do indivíduo, desde que esse se responsabilize por ela (BAUMAN,2009; SILVA, 2020).

Nesse sentido, “nessa luta por atender ao excesso de solicitações, somos esvaziados e despossuídos das condições de produção de si mesmo que resista a essas formas de governo e poder, que nem sequer sabemos de onde vêm. (SILVA, 2020, p.107). A escola, chamada a atender essa lógica, “ao assumir essa integração e redução economicistas, se reduz a um trabalho superveniente, cujo sentido se esgota no aparelhamento, em termos de conhecimentos e habilidades, do ser humano ao mercado” (GOERGEN, 2020, p. 142).

Considerações Finais

Diante de tudo o que foi exposto, é possível conceber que o sujeito empreendedor, cujo molde também é dado pela escola, vive e internaliza o processo de auto responsabilização pelo seu sucesso, mas que isso talvez não signifique e ele possa encontrar a satisfação plena ou que consiga por seus próprios méritos o sucesso. A lógica neoliberal individualista cria mecanismos hábeis de controle, vigilância e análise, que em princípio ficam a cargo do sujeito, mas que na realidade sofre a influência de várias variáveis.

Assim, o objetivo passa a ser a formação de capital humano dócil, produtivo, devotado ao mercado e disposto a defendê-lo, o qual detém apenas conhecimentos e competências voltadas para atender interesses econômicos. Perde-se o sentido educacional de formação humana integral, voltada a instrução de indivíduos colaborativos, conscientes e cidadãos democráticos.

Para esses indivíduos, a educação se torna um meio para o alcance e o sucesso de seus objetivos individuais, ou que ele crê que de fato sejam dele ou de sua competência. Todavia, refletir para resistir pode se transformar em ferramentas potentes para o repensar dos rumos sociais, como foi feito aqui, brevemente. Não há uma resposta fácil e imediata para esse problema, o qual parece, na verdade, apenas aumentar em proporções geométricas ante a singularidade e complexidade atual contemporânea. Partimos do pressuposto que o humano, aquilo que nos torna humano, em um certo momento vai cobrar a sua parcela de contribuição na formação social e, talvez aí, a lógica do neosujeito seja revista e reinventada para um novo humano. Mas para isso é preciso esperar. Permanecemos atentos, reflexivos e insistentes em nossos questionamentos.

Referências:

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2009.

DARDOT, P.; LAVAL, C. A fábrica do sujeito neoliberal. *In*: DARDOT, P.; LAVAL, C.. **A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 321-376

FOUCAULT, M. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

GOERGEN, P. O sentido da educação na sociedade contemporânea. *In*: GALLO, S.; MENDONÇA, S. **A escola uma questão pública**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2020.

MENDONÇA, S. **A escola uma questão pública**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2020.

MACEDO, E. Base Nacional Curricular Comum: Novas Formas De Sociabilidade Produzindo Sentidos Para Educação. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 03, p.1530 – 1555, out./dez. 2014. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/21666/15916>. Acesso em 03 ago. 2016.

SILVA, D. J. O governo biopolítico do tempo escolar. *In*: GALLO, S.; MENDONÇA, S. **A escola uma questão pública**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2020.